



ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DA AERONÁUTICA
COORDENADORIA ACADÊMICA
CURSO AVANÇADO DE COMANDO E ESTADO-MAIOR

ANDRESON BARBOSA DE SOUZA, Ten Cel Int

**COMUNICAÇÃO SOCIAL EM OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO NA GUERRA DO
GOLFO (1991)**

Rio de Janeiro
2021

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DA AERONÁUTICA
COORDENADORIA ACADÊMICA
CURSO AVANÇADO DE COMANDO E ESTADO-MAIOR

ANDRESON BARBOSA DE SOUZA, Ten Cel Int

**COMUNICAÇÃO SOCIAL EM OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO NA GUERRA DO
GOLFO (1991)**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso Avançado de
Comando e Estado-Maior da Escola de
Comando e Estado-Maior da Aeronáutica.
Linha de Pesquisa: Operações Militares.
Orientador: Ricardo Barbosa Arrais de
Oliveira.

Rio de Janeiro
2021

RESUMO

A comunicação está presente em todos os ramos do conhecimento humano, não só em termos acadêmicos, como também em conteúdos culturais, políticos e militares. Conseqüentemente, no que concerne ao meio militar, a comunicação é designada como Comunicação Social e tem um papel importante no meio castrense. A Guerra do Golfo de 1991 foi um exemplo contundente de que o emprego de armas persuasivas não letais, representadas pelas ações de Comunicação Social, seja pela aplicação de Informações Públicas ou Operações Psicológicas, em Operações de Informação, foram decisivas para se chegar ao estado final desejado pela esfera política e militar da coalizão formada pelos Estados Unidos da América e diversos países, no intuito de expulsar as tropas invasoras iraquianas de Saddam Russein do Kuwait. Dessa forma, através de pesquisa bibliográfica, exame de literatura de comunicação e teorias, o artigo científico a seguir descreve a campanha inicial do Conflito do Golfo e os marcos de comunicação, bem como explica o planejamento e coordenação da Coalizão, da Operação *Desert Shield*, da Operação *Desert Storm*, e o apelo de Comunicação Social. Em seguida, observa-se uma análise do impacto das ações de Comunicação Social na opinião pública, concluindo então com a identificação das Ações de Comunicação Social aplicadas na Guerra do Golfo (1991) e seu relacionamento com as ações da Força Aérea Brasileira, tudo amparado pelas teorias de Pape, Teles, Goldstein e Findley, as quais consubstanciam a execução de ações de Comunicação Social no conflito em discussão.

Palavras-chave: Ações; Comunicação Social; Guerra do Golfo; Operações de Informação.

ABSTRACT

Communication is present in all branches of human knowledge, not only in academic terms, but also in cultural, political and military contents. Consequently, with regard to the military environment, communication is designated as Social Communication and has an important role in the military environment. The 1991 Gulf War was a striking example that the use of non-lethal persuasive weapons, represented by Social Communication actions, whether by the application of Public Information or Psychological Operations, in Information Operations, were decisive to reach the final state desired by the political and military sphere of the coalition formed by the United States of America and several countries, in order to expel the invading Iraqi troops of Saddam Hussein from Kuwait. Thus, through bibliographic research, review of communication literature and theories, the scientific article below describes the initial Gulf Conflict campaign and communication milestones, as well as explains the Coalition's planning and coordination of Operation Desert Shield, Operation Desert Storm, and the Media appeal. Then, an analysis of the impact of Social Communication actions on public opinion is observed, concluding with the identification of Social Communication Actions applied in the Gulf War (1991) and their relationship with the actions of the Brazilian Air Force, all supported by the theories of Pape, Teles, Goldstein and Findley, which substantiated the execution of Social Communication actions in the conflict under discussion.

Keywords: *Actions; Public Affairs; Gulf War; Information Operations.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Equação de Coerção de Pape	13
Figura 2 – Esforço e Efeito de PSYOP	27
Figura 3 – Panfleto da <i>Desert Storm</i> (PSYOP)	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CACEM** – Curso Avançado de Comando e Estado-Maior
- CECOMSAER** – Centro de Comunicação Social da Aeronáutica
- CENTCOM** – *U.S. Central Command* (Comando Central dos Estados Unidos)
- COMAER** – Comando da Aeronáutica
- COMSOC** – Comunicação Social
- DoD** – *U.S. Department of Defense* (Departamento de Defesa dos EUA)
- EUA** – Estados Unidos da América
- FAB** – Força Aérea Brasileira
- FFAA** – Forças Armadas
- JIB** – *Joint Information Bureau* (Escritório Conjunto de Informações)
- JS** – *Joint Staff* (Estado Maior Conjunto)
- MCI** – Ministério da Cultura e Informação
- ONU** – Organização das Nações Unidas
- OTAN** – Organização do Tratado do Atlântico Norte
- PAO** – *Public Affairs Office* (Oficial de Informações Públicas)
- PRO** – *British Public Relation Officers* (Oficiais de Relações Públicas Britânicos)
- PSYOP** – *Psychological Operations* (Operações Psicológicas)
- URSS** – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
- USAF** – *United States Air Force* (Força Aérea dos Estados Unidos)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	METODOLOGIA	11
3	REFERENCIAL TEÓRICO	12
4	APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS	15
4.1	Campanha Inicial da Guerra do Golfo e os Marcos de Comunicação Iniciais	16
4.2	Coalizão Militar, <i>Desert Shield</i>, <i>Desert Storm</i> e o apelo da Comunicação Social	18
4.2.1	Operações de Informações Públicas no Golfo	19
4.2.2	Operações Psicológicas de Comunicação Social no Golfo	22
4.2.3	O Papel das Doutrinas Militares no Conflito do Golfo 1991	23
4.2.4	Comunicação Social da Força Aérea Brasileira	24
4.3	O Impacto de Ações de Comunicação Social	25
4.3.1	Efeitos de Operações Psicológicas de Comunicação Social	26
4.3.2	Efeitos de Operações de Informações Públicas de Comunicação Social	29
4.4	Análise Final	30
5	CONCLUSÃO	32
	REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

O processo de globalização foi um marco para uma crescente interdependência dos Estados, bem como testemunhou a flexibilização de fronteiras e o avanço das telecomunicações.

Diante deste processo, observa-se que a comunicação humana sofreu uma abrupta alavancagem de meios de comunicação, sendo então necessária a identificação de que a interação das pessoas além-fronteira, a qual levava dias, com o efeito da globalização tornou-se praticamente instantânea.

Nesse prisma, não só a comunicação evoluiu com o tempo, como também a guerra passou por mudanças quanto aos seus atores e procedimentos, assim como aquela é empregada dentro e fora no campo de batalha, visto que sua narrativa pode ser uma arma tão poderosa quanto aos meios cinéticos de guerra utilizados no teatro de operações. Vale ressaltar que a cobertura da mídia sobre conflitos progrediu exponencialmente, ou seja, os atos de guerra e demais procedimentos afins invadiram as transmissões de TV, permitindo à população mundial informação imediata dos acontecimentos dos conflitos armados.

Sendo assim, no contexto de conflitos armados, não existe só a relação entre Estados, intimamente está se falando de relações humanas, pois a guerra é fruto dos conflitos de interesses dos homens.

Conseqüentemente, a Comunicação Social surge como um elemento de análise das comunicações em massa e seu impacto na sociedade.

Dessa maneira, as Forças Armadas (FFAA) se incluem no rol de personagens interessados no efeito da comunicação no campo de batalha, visto que, no intuito de cumprir objetivos político-estratégicos da nação, a Força Aérea Brasileira (FAB) emprega meios de Comunicação Social (COMSOC), tais como as Operações de Informação (conjunto de ações de planejamento e de influência na tomada de decisão de um público-alvo), para a defesa do Estado Brasileiro.

Em vista disso, a utilização de um conflito para a compreensão das comunicações se faz mister, dessa maneira, pode-se recorrer ao episódio da Guerra do Golfo de 1991, por ter sido um marco na história das guerras, uma vez que tal

conflito representou uma quebra de paradigma da tríade mídia, opinião pública e conflito, tornando público todos os passos do confronto.

Personagens estatais como os Estados Unidos, Iraque e Kuwait, assim como os não-estatais, isto é, Organização da Nações Unidas (ONU), Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e Liga Árabe, permearam o enredo do conflito do Golfo Pérsico.

Isto posto, a Força Aérea Brasileira (FAB) tem em sua estrutura o Centro de Comunicação Social da Aeronáutica (CECOMSAER), um órgão do Comando da Aeronáutica (COMAER) que evidencia uma preocupação perene da FAB em se manter atualizada e promover a transparência, credibilidade institucional, a comunicação integrada em apoio operacional de força armada, buscando atuar nos diversos campos da Comunicação Social em prol da projeção e preservação da imagem da Força Aérea, gozando assim de reconhecimento e respeito da sociedade.

Portanto, no contexto do Conflito do Golfo Pérsico (1991), sugere-se que as ações de Comunicação Social demonstrarão o impacto das Operações de Informação sobre a opinião pública da população, influenciando assim a mesma em favor dos interesses da Coalizão de 34 países envolvidos no conflito de invasão do Kuwait pelo Iraque.

No entanto, o impacto das Operações de Informação segue conceitos estruturados em teorias validadas e que explicam tais efeitos, logo, Pape, Teles, Goldstein e Findley são teóricos que norteiam elementos de comunicação cruciais para o emprego de ações de Comunicação Social entendimento dos fatos ocorridos.

Nesse sentido, de que maneira as ações de Comunicação Social em Operações de Informação foram empregadas durante o Conflito do Golfo, segundo as teorias de Pape, Teles, Goldstein e Findley e como se relacionam com as ações da FAB?

Ou seja, identificar de que maneira as ações de Comunicação Social em Operações de Informação foram empregadas durante o Conflito do Golfo e como se relacionam com as ações da FAB é fundamental e se traduz como o objetivo geral desse Artigo Científico.

Logo, sucede-se um grande período de inquietação a fim de compreender como a Comunicação Social e as teorias de Pape, Teles, Goldstein e Findley se associam ao Conflito do Golfo, de forma a sugerir os seguintes questionamentos:

Qual o contexto de comunicação na escalada da crise, ensejando no início da guerra, segundo as teorias de Pape, Teles, Goldstein e Findley? Em outras palavras, identificar o contexto de comunicação na escalada da crise, ensejando no início da guerra.

Qual a organização e o planejamento da Comunicação Social durante o conflito? Assim dizendo, compreender a organização e o planejamento da Comunicação Social durante o conflito.

E finalmente, qual o impacto das ações de Comunicação Social na opinião pública, na Guerra do Golfo (1991), em Operações de Informação, segundo as teorias de Pape, Teles, Goldstein e Findley? Diante disso, segundo as teorias dos autores supracitados, fez-se necessário analisar o impacto das ações de Comunicação Social na opinião pública, na Guerra do Golfo (1991), em Operações de Informação.

De tal modo, a análise do impacto das ações de Comunicação Social na opinião pública, na Guerra do Golfo (1991), em Operações de Informação, diante do núcleo temático de pesquisa quanto às Operações Militares, visa contextualizar a capacidade de uma ciência social, sob a égide de procedimentos de Comunicação Social, intrinsecamente ligados às teorias de Pape, Teles, Goldstein e Findley, ensejando no sucesso de estratégias militares e seu intrínseco relacionamento com as ações da Força Aérea Brasileira.

Logo, a deflagração do conflito no Golfo Pérsico demonstra que a tecnologia dos ataques de equipamentos de alta precisão, aliada à gerência eficaz da informação promoveram a consolidação de uma maneira transparente de guerrear. Em consequência, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos (1992) afirma que os esforços e sacrifícios das operações *Desert Shield* e *Desert Storm* exigem que sejam aproveitadas as lições as quais os americanos aprenderam e o bem que eles fizeram às nações do golfo.

Eis que surge a necessidade de refletir que na guerra não só meios cinéticos são importantes, pois é crucial focar também no elemento humano, elemento esse

que é objeto da Comunicação Social, cujos vínculos de comunicação e relacionamento no conflito podem influenciar o resultado do confronto.

Por conseguinte, a Força Aérea Brasileira, na figura do CECOMSAER, deve se servir dos exemplos da história, tal qual a Guerra do Golfo (1991), a fim de estar em plena concordância com as mais eficazes metodologias demonstradas no ambiente informacional dos conflitos, num processo de melhoria contínua, para o preparo e emprego da Comunicação Social como uma ferramenta de conquista da opinião pública e de vantagem competitiva no Teatro de Operações em conflitos armados.

2 METODOLOGIA

Este Artigo Científico consiste em utilizar o método indutivo, através de pesquisa bibliográfica e documental, conjuntamente com o exame de literatura e de documentos a fim atingir o objetivo geral de identificar de que maneira as ações de Comunicação Social em Operações de Informação foram empregadas durante o Conflito do Golfo (1991) e como se relacionam com as ações da FAB.

Por conseguinte, através de consulta bibliográfica de livros e trabalhos científicos publicados, por meio da Rede de Bibliotecas Integradas da Aeronáutica, seguiu-se a metodologia de identificação de autores vinculados à comunicação persuasiva e que estivessem ligados às ações militares.

Então, foram identificados como base principal para este artigo, os teóricos: Robert Anthony Pape, cientista político, professor da *United States Air Force* - USAF (Força Aérea dos Estados Unidos), estudioso de coerção militar; Cláudia Patrícia Ramos Teles, Mestre em História, Defesa e Relações Internacionais, com tese de Militares e Mídia em cenários de Guerra; e os Coronéis Frank L. Goldstein e Benjamin F. Findley Jr., pesquisadores da Universidade da USAF e especialistas em Operações Psicológicas.

No que concerne aos instrumentos de coleta de dados, também foram utilizados sites de pesquisa acadêmica tal qual Google Acadêmico e site das Forças Armadas dos Estados Unidos e da OTAN, através de pesquisa documental, limitada ao assunto de Comunicação Social, visto que o teor bélico-tecnológico tão marcante

desse conflito enseja outros aspectos de Doutrina Militar, como táticas de emprego de armas avançadas, tecnologia *Stealth* (furtividade), dentre outros.

Nesse sentido, sobre a análise dos dados coletados, procurou-se utilizar uma linha temporal de fatos históricos aliados às teorias que amparam as ações de Comunicação Social, iniciando com a apresentação do ambiente informacional pré-conflito e as nuances de comunicação a nível político-estratégico, a fim de identificar o contexto de comunicação na escalada da crise, ensejando no início da guerra.

Logo após, examinou-se o planejamento e organização da Comunicação Social, associada à Coalizão e às Operações *Desert Shield* e *Desert Storm*, esmiuçando assim as ações COMSOC de Informações Públicas e de Operações Psicológicas, tal como apresentou o papel das Doutrinas Militares vigentes nas operações executadas no Golfo Pérsico, visto que uma coalizão de 34 países demandou cooperação de operações conjuntas. Também foram apresentados a estrutura de Comunicação Social da FAB, o órgão central, os campos de atuação dela, a doutrina operacional e algumas missões reais, provando a relevância para o Comando da Aeronáutica.

Depois, analisou-se os impactos das Ações de COMSOC sobre a opinião pública, quanto às Operações de Informações Públicas e Operações Psicológicas, segundo os teóricos mais relevantes, de modo a apresentar dados e estatísticas comprobatórias da eficiência das ações.

Por último, em ato contínuo, efetuou-se uma análise final dos dados a respeito de que maneira as ações de Comunicação Social em Operações de Informação que foram empregadas durante o Conflito do Golfo (1991) e como se relacionam com as ações da FAB.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O arcabouço teórico deste artigo perpassa principalmente pelos autores como: Pape (1996), Teles (2011) e Goldstein e Findley (1996), os quais convalidam os conceitos de comunicação como uma arma persuasiva não letal de alta eficácia, cuja atuação em ambiente beligerante se tornou um elemento fulcral não só para as Forças Armadas, como também para os Agentes Políticos, visto que a comunicação

se faz presente tanto no plano militar (estratégico, operacional e tático), quanto no plano político.

Pape (1996) apresentou uma teoria cujo elemento central é a coerção militar, ou seja, o quanto uma Força Armada pode afetar o comportamento do oponente e manipular os custos e os benefícios de forma a atingir o estado final desejado. Sua teoria dividia a coerção em nuclear e convencional, sendo esta última subdividida em quatro estratégias: punição (destruição para aumentar custo de resistência), risco (aumento gradual do risco de resistência), decapitação de lideranças (neutralizar processo decisório) e negação (neutralização de capacidade militar do oponente). A fórmula abaixo, constante de figura 1, condensa a análise de Pape (1996) sobre riscos e benefícios da coerção, isto é, elementos para a tomada de decisão:

Figura 1 – Equação de Coerção de Pape

$$R = B p(B) - C p(C),$$

where: R = value of resistance
 B = potential benefits of resistance
 p(B) = probability of attaining benefits by continued resistance
 C = potential costs of resistance
 p(C) = probability of suffering costs.

Fonte: Pape (1996)

Valendo salientar que se $R < 0$, houve o sucesso na coerção, ou se $R > 0$ houve o sucesso na dissuasão (intimidação).

Teles (2011) aprofundou sua teoria na análise dos processos de comunicação, informação, propaganda, segurança, opinião pública e cobertura jornalística, visto que para ela existe uma relação antagônica entre Opinião pública e Opinião Publicada, assim como também existe uma relação entre a política e a mídia, em cujo uso de comunicação poder oferecer ao poder político o alcance de objetivos estratégico militares.

Já Goldstein e Findley (1996) enfatizam as Operações Psicológicas para minar o moral dos combatentes iraquianos em razão de serem instrumentos coercitivos, e sua teoria requer princípios gerais como: inteligência adequada, organização coerente, bom planejamento e avaliação sistemática de feedback; onde

a inteligência é seu prerequisite principal e base para entender as comunicações, emoções, atitudes e comportamentos de indivíduos e grupos.

À vista disso, os demais autores citados neste artigo contribuem para o enriquecimento de conceitos e da trama dos eventos do Conflito do Golfo (1991).

Conseqüentemente, a Guerra do Golfo foi um evento histórico marcado por rivalidades regionais do Oriente Médio, conjuntamente com interferências de Estados Ocidentais, dos quais os Estados Unidos da América encabeçaram uma operação militar conjunta monumental para retirar do Kuwait as Forças Armadas do Iraque, que invadiram aquele país.

Huntington (1997) argumentou que o supracitado conflito seria uma Guerra de transição às Guerras de Linha de Fratura estariam por vir, ou seja, guerras entre Estados e grupos de civilizações diferentes.

Segundo Keegan (2005), a ânsia expansionista de Saddam Hussein (vitorioso da Guerra contra o Irã), quanto aos territórios deixados pelos otomanos, aliada a fatores geopolíticos do petróleo e dívidas de financiamentos junto ao Kuwait motivaram a invasão.

Visacro (2018) é extremamente didático ao esclarecer que os conflitos da Era da Informação são travados em três dimensões: a física, a humana e a informacional. Logo, essa fase inicial da Guerra do Golfo tem uma forte ligação com a dimensão informacional, visto que, a fundamentação de Guerra na Era da Informação propõe que a vitória se apresenta constantemente ligada ao ambiente informacional, onde se encontram a visão da opinião pública sobre os fatos e os detalhes que o cercam.

Ainda em meio à definição dos atores principais desse conflito histórico, Patriota (2010) apresenta bem o papel da Organização das Nações Unidas (ONU) diante do ato de agressão de Saddam, ao invadir e anexar o Kuwait, quando então proporcionou à ONU utilizar efetivamente seu Conselho de Segurança na construção de uma coalizão de países frente ao invasor Iraque.

Vale ressaltar que, no mundo globalizado como o atual, não se pode agir isoladamente esperar que atos que restringem a soberania de Estados podem ficar esquecidos. Jackson e Sorensen (2016) elucidam bem o quanto a política externa do Iraque e os devaneios de seu ditador foram desastrosos para o futuro da nação iraquiana.

Independente das circunstâncias do conflito, naquela época, diante do avanço inestimável dos meios de comunicação, os erros dos Estados Unidos quanto à opinião pública não poderiam se repetir, como outrora aconteceu no Vietnã.

Sendo assim, a comunicação seria um elemento fundamental na Guerra do Golfo, ou seja, como consta no Relatório do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (1992), o então Presidente Bush afirmou que estava determinado a reverter a agressão contra o Kuwait e que vários países concordavam com a opinião dele.

De outro modo, Magnoli (2006) explana como as relações internacionais entre Estados Unidos e Iraque eram estreitas nas décadas de 80 e 90, onde primeiramente foram aliados contra o Irã na Guerra Irã-Iraque e, diante do pensamento expansionista de Saddam, tornaram-se adversários na Guerra do Golfo (1991).

Paralelamente, Vriesenga (1994) relatou também as atividades de Relações Públicas voltadas à imprensa sempre presentes dentro e fora do Teatro de Operações.

Dessa forma, a Comunicação Social sempre esteve efetiva na Guerra do Golfo, que ficou marcada pelo relato dos fatos de forma instantânea por emissoras de televisão e uma vitória expressiva da Coalizão de países contra a invasão do Kuwait pelo Iraque de Saddam Hussein, liderada pelos Estados Unidos da América.

4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

No intuito de prover um claro entendimento sobre a apresentação dos dados e a análise dos resultados, seguindo uma linha temporal dos fatos históricos, esta seção foi subdividida em quatro subseções, respectivamente: Campanha Inicial da Guerra do Golfo e os Marcos de Comunicação Iniciais; Coalizão Militar, *Desert Shield*, *Desert Storm* e o apelo da Comunicação Social; o Impacto de Ações de Comunicação Social; e Análise Final.

4.1 Campanha Inicial da Guerra do Golfo e os Marcos de Comunicação Iniciais

Ao iniciar a análise de dados da pesquisa em comento, deve-se identificar qual o contexto de comunicação existiu na época do conflito, pois no ambiente internacional não se esperava uma nova guerra em 1990, visto que além das Malvinas (1982), o último e mais evidente havia iniciado em 1980 e encerrado em 1988 – Guerra Irã-Iraque, e com a queda do Muro de Berlim, havendo um esmorecimento da clara disputa direta entre grandes potências – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) x Estados Unidos da América (EUA). Ou seja, a década de 1990 se iniciava com uma névoa de incertezas geopolíticas.

Não obstante o término de um conflito violento e prolongado com o Irã (8 anos), o vitorioso Iraque sob o comando de Saddam Russein não deixava claro se envolver em uma nova contenda. Contudo, Keegan (2005) torna evidente que os custos daquela guerra, dívida de 40 bilhões com o Kuwait, aliados à fragilidade dos demais estados islâmicos suscitaram desejos expansionistas ao Estado Iraquiano, pois, além das riquezas petrolíferas kuwaitianas, o extenso litoral permitiria um acesso maior ao Golfo Pérsico.

Desse modo, Keegan (2005) relatou a insistência do Emir do Kuwait em cobrar a dívida iraquiana conduziu Saddam a um sentimento de não ter sido reconhecido como o líder que erradicou o perigo da disseminação da doutrina dos aiatolás no Oriente Médio.

Conseqüentemente, a relação entre o Iraque e o Kuwait se percebia cada vez mais estremecida, assim como a comunicação entre os Estados supracitados paulatinamente desestabilizava a política externa regional.

Keegan (2005) citou que Saddam então iniciou uma investida diplomática através de seu Ministro das Relações Exteriores, em julho de 1990, Tariq Aziz, o qual argumentou junto à Liga Árabe que o Iraque defendeu a nação árabe contra o Irã, perdendo vidas e recursos financeiros do país e o Kuwait juntamente com os Emirados Árabes Unidos manipularam o preço do barril de petróleo, aumentando a produção e baixando o preço do barril, implicando num aumento substancial da dívida iraquiana, prejudicando deveras o seu país.

Keegan (2005) expôs que, Ainda não satisfeito com o passo dado na Liga Árabe, em 17 de julho, o líder iraquiano utilizou-se da mídia televisiva para discursar e ameaçar não só em termos petrolíferos, como também utilizaria um último recurso, em outras palavras, segundo a teoria de Teles (2011) sobre a mídia e o poder político, Saddam utilizou esse instrumento coercitivo para atingir seus objetivos políticos. Vale salientar que o Kuwait já foi um território controlado pelo Império Otomano cuja administração ficava em Basra (Iraque).

Keegan (2005) relatou intrinsecamente sobre o teor de uma carta de Saddam ao Presidente Bush, onde ele assevera que não desejava o conflito, no entanto, para manter-se de cabeça erguida e prover vida digna a seu povo, a guerra era uma opção.

Até então, no campo diplomático, Keegan (2005) descreveu que Saddam Hussein se reuniu com a Embaixadora Norte-americana em Bagdá, April Glaspie, em 25 de julho, a qual realçou a posição divergente dos EUA ao emprego da força pelo Iraque e lhe solicitou uma solução do impasse na Liga Árabe, porém Saddam afirmou que se a solução não fosse apontada, o seu povo não aceitaria a morte, quer dizer, Saddam empregou intensamente sua imagem de maior força militar da região do Golfo, lembrando os conceitos coercitivos psicológicos da teoria de Goldstein e Findley (1996) para atingir seus objetivos.

O poder nacional diplomático de Saddam ainda vivenciou um último capítulo, segundo Keegan (2005), cuja comunicação entre o Rei Fahd da Arábia Saudita tentou convencer o Emir do Kuwait de não cobrar a dívida, porém Saddam não acreditava mais.

Por conseguinte, Magnoli (2006) constata o deslocamento de tropas iraquianas na fronteira sul do Iraque com o Kuwait, tendo no dia 02 de agosto de 1990, invadido e tomado o Estado vizinho como sua 19ª província, numa vitória avassaladora da Guarda Republicana de Saddam sobre o Exército Kuwaitiano.

De acordo com Visacro (2018), Saddam Hussein, na retomada de controle territorial do Kuwait (antigo território sob a égide otomana), utilizou claramente a dimensão informacional e física para fins de efetuar a capitulação do Estado Kuwaitiano, construindo uma narrativa para auferir credibilidade a sua causa, gerindo eficazmente os meios de comunicação e informação, tentando fortalecer-se

junto à imprensa regional e internacional. Dado que a Guarda Republicana foi ferramenta categórica de controle militar de área inimiga, neutralizando por completo suas forças.

Ou seja, como previu Magnoli (2006), a anexação do Kuwait foi um movimento lógico de Saddam após a Guerra Irã-Iraque. À vista disso, segundo Jackson e Sorensen (2016), no âmbito das relações internacionais, quanto à política externa dos Estados Unidos, a atitude do ditador iraquiano não deixou opções aos americanos do que: exigir a retirada das forças iraquiana do Kuwait; restaurar o governo legítimo do Kuwait; prover segurança e estabilidade ao Golfo Pérsico; promover a segurança dos americanos na região e libertar os que forma feitos reféns; e promover a nova ordem mundial, com liberdade contra o terrorismo, busca pela justiça e mais segurança no caminho da paz mundial. Claramente, tais objetivos do Tio Sam, obscureciam o que viria ser a guerra por recursos naturais sob o controle de ocidente, na região do oriente médio.

Assim, em conformidade com Patriota (2010), eis que emerge um fato midiático ímpar nas Organizações das Nações Unidas (ONU), em outras palavras, a ONU promoveu o primeiro ato de ações coercitivas vinculadas ao Conselho de Segurança, a Resolução nº 678, de 29 de novembro de 1990, cuja matéria apresentava a primeira aplicação do conceito de Segurança Coletiva, o qual permitia aos EUA juntamente com uma coalizão de países efetuar uma intervenção armada para fins de expulsar as tropas iraquianas do Kuwait.

Desse modo, o conceito de choque de civilizações de Huntington (1997) emerge traduzido no conflito entre o ocidente versus os árabes na figura do Ditador Saddam Hussein.

4.2 Coalizão Militar, *Desert Shield*, *Desert Storm* e o apelo da Comunicação Social

É evidente que as operações militares foram lideradas pelo país hegemônico em matéria de conflitos, isto é, os Estados Unidos da América. De tal modo que algumas operações foram orquestradas juntamente com a coalizão de países, e a Comunicação de Massa estaria diretamente ligada aos eventos e sucessos

apresentados no terreno fértil das narrativas e meios de comunicação, tão largamente evidenciados nas teorias de Teles (2011), Goldstein e Findley (1996).

4.2.1 Operações de Informações Públicas no Golfo

Nesse contexto, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos (DoD) planejou a organização e execução das missões que permearam o Conflito do Golfo, bem como trabalharam em conjunto com as Forças Armadas da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), com o apoio chancelado pela ONU.

As operações executadas na Guerra do Golfo foram nomeadas de *Desert Shield* (Escudo do Deserto) e *Desert Storm* (Tempestade do Deserto), sendo o objetivo final do conflito a expulsão das forças iraquianas do território do Kuwait.

A Operação *Desert Shield* tinha como finalidade proteger os países aliados e a Arábia Saudita, visto que Saddam expressava que a Coalizão era uma guardiã ilegítima das cidades de Meca e Medina, situadas no Estado Saudita, acusando na mídia que os países da coalizão não eram bem-vindos e não logravam de virtude para se manter na região árabe.

A Operação *Desert Storm* foi uma maciça campanha aérea, delineada para efetuar a destruição da força aérea iraquiana e suas instalações de defesa antiaérea, assim como permitir melhor acesso às operações terrestres a fim de conquistar objetivos estratégicos e libertar o Kuwait, em outros termos, a estratégia de negação de coerção convencional de Pape (1996) funcionou eficazmente, minando assim o poderio militar iraquiano.

Nenhuma dessas operações seriam veladas, de modo que a experiência passada e o DoD (1992) revelaram a necessidade de obter o controle das informações e meios midiáticos durante o progresso do conflito, evitando assim o efeito colateral de notícias que denegrissem as intenções e ações executadas no campo de batalha, consoante ao conceito teórico de Teles (2011) sobre a Opinião publicada e seus efeitos na Opinião Pública.

Nesse cenário, o DoD (1992) citou que a Política de Defesa dos Estados Unidos determinou que a viabilização de informações “oportunas e precisas para que o público, o Congresso e a imprensa em geral permitam examinar os fatos e entender a fulcral responsabilidade deste órgão estratégico quanto à segurança

nacional e à estratégia de defesa,” discernindo então quando é extremamente necessária a contenção de informações “apenas quando a divulgação atinge desastrosamente a segurança da nação ou ameaça à segurança ou a privacidade dos homens e mulheres das Forças Armadas”.

Segundo o DoD (1992), a área geográfica do Golfo Pérsico é de responsabilidade do *U.S. Central Command* (CENTCOM), o Comando Central dos Estados Unidos, comando o qual manteve intenso relacionamento e comunicação com o Departamento de Defesa dos EUA, o *Joint Staff* (JS), isto é, Estado Maior Conjunto, além de diversos órgãos de imprensa (jornais, emissoras de TV, rádio) no tocante à divulgação de dados e notícias que não comprometessem o emprego operacional, a segurança de informações, bem como a salvaguarda dos militares das Forças Armadas da Coalizão.

Teles (2011) registrou que, em 13 de agosto de 1990, o Assistente do Secretário de Defesa para Assunto Públicos, Luis A. Williams designou seis assessores para compor o Escritório Conjunto de Informações (*Joint Information Bureau - JIB*), tal órgão deteve a incumbência de efetuar o controle de matérias jornalísticas e conteúdos destinados à imprensa em geral, valendo salientar que seu objetivo central era que a opinião pública americana recebesse o máximo possível de informações de forma a não pôr em risco as vidas ou missões de militares americanos. Então, mais uma vez o instrumento de Opinião publicada de Teles (2011) por parte das mídias de imprensa afligia a coalizão, quanto ao provável efeito negativo nas massas.

Por conseguinte, no que tange à Comunicação Social, o DoD (1992) relatou o intenso emprego de esforços em quatro grandes eixos de Informações Públicas (*Public Affairs*): Cobertura Nacional de Mídia, Escritório de Informação Conjunta, Mídia no Campo de Batalha e *Media Briefings* (Entrevistas Coletivas).

A Cobertura Nacional de Mídia (*National Media Pool*) foi uma ferramenta de emprego de *media embedded* (jornalismo embutido), para fins cobrir notícias sobre a guerra. Teles (2011) argumentou que o modelo *pool* (cobertura) foi utilizado na Guerra do Golfo em virtude de limitar o acesso de jornalistas ao teatro de operações.

Inicialmente, conforme o DoD (1992), o Escritório de Informação Conjunta convocou dezessete jornalistas membros, sendo os mesmos oriundos dos seguintes

meios de comunicação: a *Associated Press*, *United Press International*, *Reuters*, *Cable News Network*, *National Public Radio*, *Time*, *Scripps-Howard*, *Los Angeles Times*, e *Milwaukee Journal*; repórteres, editores, fotógrafos e técnicos, sendo que nas primeiras duas semanas de cobertura, a equipe enviou matérias de modo independente.

À vista disso, quanto ao Escritório Conjunto de Informações (JIB), complementando e prosseguindo no enredo deste importante tema, além da composição seis assessores, o JIB estabeleceu um conjunto de regras para os membros da imprensa convocados (*pool*) para estrito cumprimento e baseado em doze categorias de informação:

(1) número específico de tropas, aeronaves, sistema de armas, etc. ; (2) detalhes de planos, operações ou greves futuros, incluindo aqueles que foram cancelados; (3) informações ou fotografias que revelaram localizações específicas das forças militares ou de segurança em localizações militares; (4) regras de detalhes de engajamento; (5) atividades de coleta de inteligência, incluindo metas, métodos e resultados; (6) informações específicas sobre movimentos de tropas amigas, implantações táticas e disposições que podem colocar em perigo a segurança operacional ou vidas; (7) identificação da origem da aeronave que não seja terrestre ou marítima; (8) eficácia da camuflagem, cobertura, engano, seleção de alvos, fogo direto e indireto, coleta de inteligência ou segurança do inimigo; (9) informações de identificação específicas sobre aeronaves ou navios abatidos durante as missões de busca e salvamento planejadas ou em andamento; (10) os métodos, equipamento exclusivo ou táticas das forças de operações especiais; (11) métodos de operação e táticas específicos, como ângulos de ataque ou velocidades, mas permitindo termos gerais, como 'baixo' ou 'rápido'; e (12) informações sobre vulnerabilidades de operação ou suporte que poderiam ser usadas contra as forças dos EUA, como detalhes de grandes danos em batalha ou grandes perdas de pessoal de unidades específicas, até que os militares divulgassem tais dados. (TELES, 2011, p.42, tradução nossa)

Segundo o DoD (1992), era uma preocupação do Pentágono que existisse uma equipe de repórteres que cobrisse o conflito e, era imprescindível que essa equipe fosse norte-americano, pois depender de relatos de aliados sauditas era muito temeroso ao cumprimento do estado final desejado dos EUA. Independentemente dos protestos dos jornalistas sobre as restrições de imprensa, em 23 de fevereiro de 1991, em plena ofensiva de operações militares, houve um período de interrupção das coberturas, tão logo as vitórias do Gen Schwarzkopf emergiram e a produção de relatórios de imprensa prosseguiu como a combinado, tendo as cidades de Dhahran e Riade como sedes dos JIB.

A Mídia no Campo de Batalha foi outra grande inquietação do Pentágono. O Departamento de Defesa (1992, p.653, tradução nossa) relatou que “o potencial do inimigo usar armas químicas e a violência absoluta de uma batalha blindada em grande escala faria a cobertura aberta de um combate terrestre operação inviável, pelo menos durante sua fase inicial.” Contudo, a equipe cresceu, de acordo com Teles (2011), chegou a cinquenta repórteres que iriam ter acesso ao teatro de operações, de tal modo que a equipe foi dividida em unidades menores e encaminhadas para a cobertura junto às unidades de combate terrestre.

Ao avançar o conflito, dados do Departamento de Defesa (1992) afirmaram que a CENTCOM já tinha 132 repórteres em operações terrestres e 27 em navios e bases aéreas, o que aumentava substancialmente o número de análises dos JIB. O aumento de jornalistas resultou na criação dos *Media Reporting Teams* (MRTs), Equipes de Reportagem de Mídia, como Teles (2011) bem observou, de forma que os MRT eram supervisionados pelos *Public Affairs Office* – PAO (Oficial de Informações Públicas) e pelos *British Public Relation Officers* – PRO (Oficiais de Relações Públicas Britânicos), de maneira que todas as matérias jornalísticas eram asseguradas por eles, em razão de receberam os relatórios jornalísticos de forma centralizada pelas *Forward Transmission Units* (FTU), Unidades de Transmissão Direta, meios de comunicação militares da coalizão.

O quarto grande eixo de *Media Briefings*, visto que, em meio à tecnologia de transmissão das informações da época, consoante DoD (1992), o contato do Departamento de Defesa e do CENTCOM durante a Operação Tempestade do Deserto produziu horas de explicações sobre a operação em 17 de janeiro de 1991. Não somente os representantes máximos da Coalizão do Teatro de Operações, como também o Pentágono e os Diretores de Operações e Inteligência participaram de 47 dias de coletivas de imprensa, visto que eram os atores mais conhecedores das operações em vigor, assim como o Secretário Adjunto de Defesa para Assuntos Públicos, o qual participou de 35 coletivas de notícias na televisão.

4.2.2 Operações Psicológicas de Comunicação Social no Golfo

Diante da vasta gama de elementos de Informações Públicas, não ficou esquecido o aspecto psicológico que permeou todo o conflito, de maneira que a

teoria de Goldstein e Findley (1996) identificou não somente propaganda psicológica por parte da Coalizão, como também por Saddam Hussein.

Nesse íterim, Goldstein e Findley (1996) expuseram a configuração de propaganda psicológica em sua estratégia nacional, visto que a propaganda iraquiana era conduzida pelo Ministério da Cultura e Informação (MCI), monitorada de perto pelo Partido Baath, pelo Conselho de Comando Revolucionário e pelo próprio Saddam, confirmando um dos elementos gerais da teoria coercitiva psicológica de Goldstein e Findley (1996), a organização coerente.

A bases da campanha psicológica do Iraque seguiam basicamente cinco objetivos: racionalizar a invasão do Kuwait, ganhar o apoio dos árabes, desencorajar nações de participar do embargo das ONU, esconder ataques militares ao Iraque e, após a invasão, manter o Kuwait como província iraquiana.

Entretanto, a Coalizão estava preparada e focada em empreender sua estratégia psicológica. Ou seja, Goldstein e Findley (1996) apresentaram claramente que as Operações Psicológicas (PSYOP) da coalizão prezavam por dois esforços: de maneira tática, convencer os soldados iraquianos a se render e, combinando PSYOP e campanhas aérea e terrestres afetar soldados e as altas lideranças militares iraquianas.

4.2.3 O Papel das Doutrinas Militares no Conflito do Golfo 1991

Outro componente importante nas operações militares no Golfo foram as doutrinas militares empregadas, revelando fundamentos como organização, preparo e emprego das FFAA. Vale ressaltar que as Operações de Informação estão previstas no Regulamento de Operações Conjuntas dos EUA, o JP 3-13 (2014), tal qual também estão previstas Operações de Informações Públicas (*Public Affairs*), no JP 3-61 (2015). Já na Política Militar em Operações de Informação da OTAN - MC 0422/4 (2012) estão previstas Operações Psicológicas, assim como na Doutrina Conjunta de Operações Psicológicas dos EUA, o JP 3-13.2 (2010).

Não foi tarefa fácil planejar, organizar e pôr em prática as operações conjuntas durante a Guerra do Golfo de 1991. E coube ao General Norman Schwarzkopf comandar a coalizão composta de 500 mil norte-americanos,

predominantemente, mas também liderou ingleses, franceses, alemães, dentre outros.

Conseqüentemente, além da liderança do General Schwarzkopf, as Doutrinas Militares Conjuntas foram imprescindíveis para articular as diversas operações no Golfo Pérsico.

Não obstante, conforme Teles (2011), as Operações de Informação, *Public Affairs* ou PSYOP, originaram contextos ricos em detalhes e temas diplomáticos, comportamentais, psicológicos, informacionais, interações sociais, em outros termos, elemento de Comunicação Social.

Consoante a MC 0422/4 (2012) da OTAN, Política Militar em Operações de Informação, tal normativo define Operações de Informação como uma função de uma equipe para analisar, planejar, avaliar e integrar atividades focadas no Ambiente Informacional, ou seja, fornece ao Comandante uma avaliação do Ambiente Informacional para fins de alcançar Efeitos da informação em apoio aos objetivos operacionais.

Ainda segundo a MC 0422/4 (2012) da OTAN, esta política delimita a utilização coordenada e apropriada das atividades e capacidades de comunicação da OTAN - Diplomacia Pública, Relações Públicas (PA – *Public Affairs*), Relações Públicas Militares, Operações de Informações (InfoOps) e Operações Psicológicas (PSYOP), como apropriado no apoio às políticas, operações e atividades da Aliança.

4.2.4 Comunicação Social da Força Aérea Brasileira

No Brasil, à luz da doutrina empregada pelas Forças Armadas, o CECOMSAER, sendo o órgão central da Comunicação Social da FAB, optou pelo desmembramento das funções de Informações Públicas, Operações Psicológicas e Assuntos Cíveis em campos de atuação distintos, a serem desempenhados por profissionais específicos. Então, os três campos clássicos da Comunicação Social foram divididos por meio de uma correspondência entre estrutura de paz e estrutura de guerra. As funções relacionadas à atividade jornalística e assessoria de imprensa foram atribuídas ao Oficial de Informações Públicas. A parte de Publicidade e Propaganda foi direcionada para a célula de Operações Psicológicas, e a comunicação e integração entre o público militar e civil foi atribuída a outra célula

conhecida como Assuntos Cívicos, fechando a analogia com as atividades de Relações Públicas no tempo de paz.

Consoante MCA 142- 2, Manual de Comunicação Operacional da FAB, cada área de atuação da Comunicação Social Operacional tem um público-alvo mais específico: Informações Públicas com foco no público amigo (todo o conjunto de países parceiros e suas populações, opinião pública nacional e internacional), seguindo a teoria de Teles (2011); as Operações Psicológicas com mais atuação na diminuição da vontade do inimigo em lutar (países e populações diretamente envolvidas no combate), em consonância com a teoria de Goldstain e Findley (1996); e os Assuntos Cívicos englobando os atores cívicos e populações afetadas pelo conflito (Organizações Internacionais, Organizações Governamentais, Organizações Não Governamentais, população de não combatentes e países neutros).

Operações da FAB como CRUZEX 2013 (treinamento conjunto de ambiente), Ágata 6 (combate real a ilícitos fonteirissos), Operação Amazônia 2012 (operação conjunta de adestramento das três forças no ambiente amazônico), estiveram sempre com a presença do CECOMSAER, promovendo a ligação com os meios de imprensa, entrevistas coletivas, esclarecimentos oportunos, montagem de sites e administração de redes sociais.

Ademais, O Comando da Aeronáutica promove anualmente um plano de capacitação de seus membros, onde militares participam de cursos de mídia na OTAN, ligados à Comunicação Social, externando sua preocupação em estar na vanguarda das Forças Armadas da América do Sul e manter a soberania do espaço aéreo e integrar o território nacional, com vistas à defesa da pátria.

Desse modo, de posse da configuração das Operações de Informação (Informações Públicas e Psicológicas) e demais conceitos que integram a Comunicação Social, verificou-se vários efeitos no Teatro de Operações e na Opinião Pública.

4.3 O Impacto de Ações de Comunicação Social

A Comunicação Social esteve presente em todo o Conflito do Golfo, desde sua fase de crise até o desfecho da Guerra, de forma que não se pode negar que a

busca pela narrativa convincente, ou em inúmeros casos, persuasiva, denotou ser um instrumento de desequilíbrio para os atores do Golfo em 1991.

4.3.1 Efeitos de Operações Psicológicas de Comunicação Social

Nesse sentido, os objetivos centrais de ambos os lados do conflito estavam ligados à Opinião Pública, visto que Saddam queria os povos da região do Golfo Pérsico do seu lado e a Coalizão liderada pelos Estados Unidos da América buscou preservar os conceitos de Segurança Coletiva prezados pela ONU e preservar a soberania kuwaitiana, além de evitar que o Ditador do Iraque pusesse as mãos ilegalmente em grandes reservas de petróleo e aterrorizasse posteriormente os mercados globais de commodities.

Sendo assim, Goldstein e Findley (1996) demonstraram que os efeitos desejados das propagandas psicológicas de Saddam não lograram bons resultados. Ele retratou constantemente o seu principal inimigo, o Presidente do Estados Unidos - George H. Bush, como um promotor de uma guerra suja. Saddam manteve uma narrativa propagandista internacional cujos principais temas eram que: a guerra americana era para ter acesso ao petróleo, os EUA usavam a guerra como desculpa para impor o imperialismo na região e, finalmente, que os americanos estavam sustentando um governo corrupto kuwaitiano.

Embora a campanha iraquiana contra os americanos tenha causado confusão, desconfiança na opinião pública e encontrado ânimo em algumas classes do Mundo Árabe, Goldstein e Findley (1996) atestaram um elemento chave que corroía sua eficácia, nada mais que sua baixa credibilidade. Isto é, Saddam não conseguiu impactar os públicos-alvo e conseguir aderência a sua causa.

Enquanto isso, o esforço das operações psicológicas da coalizão era máximo. Segundo Teles (2011), em 3 de agosto de 1990, o Presidente Bush apresentou uma analogia entre Saddam Hussein e Adolf Hitler. EM meados de sessenta dias após esta analogia, o *New York Times* produziu uma sondagem sobre o assunto e 60% da opinião pública americana concordava com aquela análise.

No campo de batalha do golfo, consoante Goldstein e Findley (1996), as Operações Psicológicas (PSYOP) operavam em quatro segmentos chave: as transmissões de rádio, as transmissões em auto-falantes, a disseminação de

panfletos e as ações de mensagens relatadas por prisioneiros de guerra. A figura abaixo apresenta uma dimensão do empenho da coalizão sobre a PSYOP.

Figura 2 – Esforço e Efeito de PSYOP

**Exhibit I PSYOP Effort and Relative Effectiveness
in the Persian Gulf**

----- Effort -----
29 Million Leaflets Dropped In-theater
17 Hours Per Day of Radio Transmitting
19.5 Hours Per Day Aerial Broadcasting
----- Relative Effectiveness -----
73 Thousand Iraqis Reached through PSYOP
70% EPWs Report Messages Had Impact on Surrenders

Source: United States Special Operations Command (USSOCOM), "Post Operational Analysis: Iraqi Psychological Operations During Operations DESERT SHIELD/STORM," SOJ9, 1992.

Fonte: Goldstein e Findley (1996)

Inicialmente os quatro tipos de operações psicológicas eram empregados de maneira individual no teatro de operação do golfo. Porém, Goldstein e Findley (1996) elucidaram claramente que os quatro tipos de ações militares psicológicas quando combinadas por terra e pelo ar surtiam um efeito sinérgico que resultava num imenso número de casos de rendição de prisioneiros iraquianos.

As transmissões de rádio eram veiculadas por seis plataformas, das quais três operavam em aeronaves EC-130 e outras três operavam em terra, como estações de rádio cujos nomes eram: Voz do Golfo, Voz da América e Povo Livre Kuwaitiano. Goldstein e Findley (1996) explicam que as mensagens propagadas por essas emissoras continham temas divulgados a inevitável derrota, a liderança inapropriada de Saddam e se render aos apelos. Uma mensagem comum no teatro de operações era transmitida dizendo que "sua divisão será bombardeada amanhã, abandone seu equipamento, deixe sua localização agora e se salve". (Goldstein e Findley, 1996, p.351, tradução nossa)

Os números de audiência chegaram a 58%, o grau de persuasão relativa era estimada em 46%, de tal modo que a efetividade era moderada em razão do estado primário de telecomunicações existentes na cultura local.

Já as transmissões em auto-falantes tinham um desempenho modesto, entretanto, ao serem empregadas em paralelo com o enfoque de rendição de prisioneiros, primorosamente efetuada pelo 4º Grupo de Operações psicológicas, obtiveram eficácia incomum. Um dos casos relatados por Goldstein e Findley (1996)

citou a rendição de 400 soldados iraquianos que estavam em bunkers, sem precisar de um minuto de luta sequer.

Contudo, sem sombra de dúvidas, o apelo visual dos panfletos jogados no teatro de operações, principalmente durante a Operação Tempestade do Deserto apresentou resultados avassaladores, segundo Goldstein e Findley (1996). Em números, calcula-se que 98 milhões de panfletos foram jogados, dos quais 88% das forças iraquianas foram influenciadas pelas pretensões inseridas nos panfletos, de tal modo que 77% dessas forças foram convencidas a deixar de combater, demonstrando a incrível credibilidade passada pelos panfletos de combate.

Conforme Goldstein e Findley (1996), a panfletagem durante a Operação Tempestade do Deserto foi o maior caso de sucesso de Operações Psicológicas (PSYOP) baseadas em mídia já cumprida no campo de batalha. O panfleto da figura 3 exemplifica a rendição de um soldado iraquiano e continha procedimentos em língua árabe de como se render, cuja mensagem era: "Use o seguinte procedimento para cessar a resistência: remova o carregador de sua arma; coloque a arma sobre o ombro esquerdo com o cano para baixo; coloque as mãos sobre a cabeça e prossiga lentamente; agite um pano branco para sinalizar sua intenção de paz ou segure este folheto; todos os exércitos das Forças Multinacionais entendem que este passe mostra o seu compromisso honroso com a paz."

Figura 3 – Panfleto da *Desert Storm* (PSYOP)



Fonte: Site <http://www.psywarrior.com/>

4.3.2 Efeitos de Operações de Informações Públicas de Comunicação Social

Os sucessos obtidos no teatro de operações do Golfo Pérsico ecoaram pelo mundo. Segundo DoD (1992), a pronta mobilização de cobertura jornalística da Guerra do Golfo de 1991 pôde sobremaneira antecipar dados informacionais do teatro de operações, antes, durante e no desfecho do conflito. O CENTCOM e DoD articularam exemplarmente um sistema de reserva de mídia, ou seja, os repórteres designados para cobrir as operações terrestres, em torno de 159 repórteres e fotógrafos em unidades de combate, tais equipes foram cinco vezes maiores que as antecessoras que cobriram o Dia D, em 1944, na Segunda Guerra Mundial.

Tal conduta produziu impressionantes efeitos positivos na opinião pública, conforme Teles (2011), de maneira que passava inequívoca credibilidade e o grande poder de mobilização e organização da Coalizão Internacional.

Vale frisar que, conforme o DoD (1992), o sistema de *pool* de mídia colocou repórteres, fotógrafos e demais personagens da imprensa em posições privilegiadas na área de combate, o que se tornou um movimento revolucionário em cobertura de guerras, inclusive, cerca de 362 histórias apresentadas no front incluíram entrevistas com tropas da linha de frente, apesar das reclamações dos jornalistas sobre o trabalho de análises das publicações realizado pelos Escritórios Conjunto de Informações (*Joint Information Bureau* - JIB).

Vrisenga (1994) relatou ainda que estiveram em um teatro de operações, os JIB e o Governo Norte-Americano permitiram momentos de reencontro com as famílias nos feriados de Ação de Graças e Ano Novo, forjando assim o sentimento de solidariedade e respeito aos membros da imprensa que trabalharam na cobertura da Guerra do Golfo.

O Dod (1992) ainda relatou os frequentes briefings públicos que foram realizados sobre os detalhes das operações.

Teles (2011) relatou o surgimento do famigerado Efeito CNN, que surgiu da permissão de exclusividade concedida por Saddam à Emissora CNN, em solo iraquiano, para a cobertura jornalística de todo o conflito. Tal medida tornou-se uma vantagem competitiva da emissora frente à toda a imprensa embutida no campo de batalha, pois ela não gozava das análises dos JIB, tendo então se tornado o modelo

e a referência jornalística da Guerra do Golfo de 1991. Ainda que incomodasse o Departamento de Defesa, por suas matérias sem análises governamentais americanas, podendo ser considerada sem censura, a CNN contribuiu para que o CENTCOM tornasse seus briefings muito mais esclarecedores e acessíveis a pedidos de elucidações da imprensa em geral.

Teles (2011) ainda fez a distinção terminológica entre opinião pública e opinião publicada, visto que a referida distinção usufrui de um apelo pejorativo que rondou todo o campo informacional do conflito.

Entretanto, a opinião pública serve de esteio e de referencial para o sistema político, o qual legitima a necessidade dos líderes do governo norte-americano na busca de um consenso sobre o emprego da força a nível militar.

Ou seja, conforme Teles (2011), o uso das ferramentas de comunicação social foram inequivocamente bem empregadas para manter as operações militares, desfrutando de apoio da população e atenção da Administração Norte-americana, justificada pelos 70% de americanos que apoiavam o uso de forças militares contra o Iraque, bem como os 45% aceitando a possibilidade de combate real, diante de 37% contra e 18% de indefinidos, afastando assim o fantasma da impopularidade e contrariedade pública da Guerra do Vietnã.

4.4 Análise Final

Nesse sentido, o contexto de comunicação na escalada da crise, ensejando no início da Guerra do Golfo de 1991 foi marcado pelo emprego de narrativas e ações diplomáticas que corroboram atividades inerentes as de Comunicação Social, visto que a contenda entre Saddam e os EUA, quanto à invasão do Kuwait, não estabilizou somente em um momento de crise internacional, mas também ensejou o uso de força na consecução da segurança coletiva e o respeito da soberania dos Estados, elementos bastante valorizados pela ONU.

Consequentemente, o desfecho da crise continuou em um conflito armado, outorgada pela ONU e cujos atores principais foram as Forças Armadas dos Estados Unidos da América e uma Coalizão de países, juntamente com as Forças Armadas da OTAN.

Além do emprego operacional de armas bélicas de alta tecnologia, o ambiente informacional foi o meio chave para o sucesso da empreitada. Elementos e ferramentas de Comunicação Social foram empregados em larga escala, tais quais Informações Públicas, através de Escritórios de Informações (JIB), os quais a Coalizão controlou a divulgação da imprensa sobre o conflito, promoveu o contato sem precedentes na história entre a imprensa e o teatro de operações, como também efetuou uma extensa e exitosa campanha de operações psicológicas findam em diversas rendições por parte dos militares da Forças Armadas Iraquianas, chegando assim ao propósito de expulsão das Forças de Saddam do Kuwait, seguindo pressupostos das teorias de Pape, Teles, Goldstein e Findley.

De forma evidente, as Operações de Informação impactaram a opinião pública sobremaneira o pode ser evidenciado com a alta aprovação dos norte-americanos no emprego de suas Forças Armadas na Guerra do Golfo, isto é 70% de americanos apoiaram o uso de forças militares contra o Iraque, bem como os 45% aceitaram a possibilidade de combate real.

Além disso, o esforço psicológico das PSYOP minou profundamente os combatentes iraquianos, revelando alto grau de rendição de suas forças armadas.

Portanto, as ações de Comunicação Social em Operações de Informação empregadas durante o Conflito do Golfo, Operações de Informações Públicas (*Public Affairs*) e Operações Psicológicas (PSYOP), guardam estreita relação com as ações da FAB de Comunicação Social, visto trabalham em cima das capacidades informacionais, bem como contêm em sua estrutura atividades operacionais direcionadas à Relações Públicas e Operações Psicológicas de Propaganda, revelando similaridade entre os termos pregados pela Política de Operações de Informação da OTAN, bem como conceitos teóricos de Pape, Teles, Goldstein e Findley e a extensa preocupação do Comando da Aeronáutica, na figura do CECOMSAER, em promover operações conjuntas e treinamento operacional de mídia na OTAN aos membros da FAB, para fins de manter a soberania do espaço aéreo e integrar o território nacional, com vistas à defesa da pátria.

5 CONCLUSÃO

Este artigo científico objetivou identificar de que maneira as ações de Comunicação Social em Operações de Informação foram empregadas durante o Conflito do Golfo (1991) e como se relacionam com as ações da FAB.

Logo, as seções e subseções foram divididas de forma a identificar o contexto de comunicação na escalada da crise, ensejando no início da guerra; compreender a organização e o planejamento da Comunicação Social durante o conflito; e por fim, analisar o impacto das ações de Comunicação Social na opinião pública, na Guerra do Golfo (1991), em Operações de Informação.

Para tanto, foi utilizada a pesquisa bibliográfica e documental, conjuntamente com o exame de literatura e de documentos a fim de identificar as ações de Comunicação Social em Operações de Informação, seguindo uma metodologia de identificação de autores vinculados à comunicação persuasiva e que estivessem ligados às ações militares, dos quais Pape, Teles, Goldstein e Findley serviram de fundamento teórico.

Nesse sentido, a Guerra do Golfo de 1991 foi marcada pelo emprego de elementos e ferramentas de Comunicação Social em larga escala, tais quais Informações Públicas, através do controle da divulgação da imprensa e uma exitosa campanha de Operações Psicológicas, findando em diversas rendições de militares iraquianos.

Portanto, as ações de Comunicação Social em Operações de Informação empregadas durante o Conflito do Golfo (1991), Operações de Informações Públicas (*Public Affairs*) e Operações Psicológicas (PSYOP), guardam estreita relação com as ações da FAB de Comunicação Social, visto trabalham em cima das capacidades informacionais, bem como contêm em sua estrutura atividades operacionais direcionadas à Relações Públicas e Operações Psicológicas de Propaganda, para fins de manter a soberania do espaço aéreo e integrar o território nacional, com vistas à defesa da pátria.

No entanto, as Operações de Informação revelam-se sensíveis à intervenção da imprensa, cuja relação não pôde se aprofundada neste artigo, por isso sugere-se uma pesquisa posterior sobre esta sensibilidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Defesa. Comando da Aeronáutica. **MCA 142-2. Manual de Comunicação Social Operacional**. Brasília, DF, 2010.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. DEPARTMENT OF DEFENSE. **Conduct of the Persian Gulf War: Final Report to Congress**. Virginia: US Department of Defense, 1992. Disponível em: <https://www.globalsecurity.org/military/library/report/1992/cpgw.pdf>. Acesso em 19 abr. 2021.

_____. DEPARTMENT OF DEFENSE. **JP 3-13. JOINT DOCTRINE FOR INFORMATION OPERATIONS**. Washington, DC, 2014. Disponível em: https://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Doctrine/pubs/jp3_13.pdf. Acesso em: 17 abr. 2021.

_____. DEPARTMENT OF DEFENSE. **JP 3-61. PUBLIC AFFAIRS**. Washington, DC, 2015. Disponível em: https://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Doctrine/pubs/jp3_61.pdf. Acesso em: 17 abr. 2021.

_____. DEPARTMENT OF DEFENSE. **JP 3-13.2. PSYCHOLOGICAL OPERATIONS**. Washington, DC, 2010. Disponível em: <https://fas.org/irp/doddir/dod/jp3-13-2.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2021.

GOLDSTEIN, Frank L.; FINDLEY, Benjamin F. Jr. **Psychological Operations: Principles and Case Studies**. 1. Ed. Alabama: Air University, 1996.

HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

JACKSON, Robert. SORENSEN, Georg. **Introdução às relações internacionais: teorias e abordagens**. 2. ed. Zahar: Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://cead.unifa.aer.mil.br/ecemar/ava/mod/folder/view.php?id=2321> Acesso em: 17 fev. 2021.

KEEGAN, John. **A Guerra do Iraque**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005.

MAGNOLI, Demétrio. **História das Guerras**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PAPE, Robert Anthony. **Bomb to Win: air power and coercion in war**. 1. Ed. New York: Cornell University, 1996.

PATRIOTA, Antonio de Aguiar. **O Conselho de Segurança após a Guerra do Golfo: a articulação de um novo paradigma de segurança coletiva**. 2. Ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2010. Disponível em: <http://funag.gov.br/biblioteca/download/1162->

[Conselho de Seguranca apos a Guerra do Golfo O.pdf](#). Acesso em : 30 jun. 2021.

TELES, Cláudia Patrícia Ramos. **Militares e Media em Cenários de Guerra: O Golfo como o Caso de Estudo**. 2011. Dissertação (Mestrado em História, Defesa e Relações Internacionais) Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2011. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/4506>. Acesso em: 30 jun. 2021.

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte. **MC 0422/4. MILITARY POLICY ON INFORMATION OPERATIONS**. Bruxelas, Belgium, 2012. Disponível em: <https://info.publicintelligence.net/NATO-IO-Policy.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2021.

VISACRO, Alessandro. **A Guerra na Era da Informação**. 1. Ed. São Paulo: Contexto, 2018.

VRIESENKA, Michael P. **From the line in the sand: Accounts of USAF Company Grade Officers in Support of Desert Shield/Desert Storm**. 1. Ed. Alabama: Air University, 1994.